

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do VII Congresso Nacional dos Metalúrgicos da Central Única dos Trabalhadores – CUT

Guarulhos-SP, 12 de junho de 2007

Companheiros e companheiras metalúrgicas e metalúrgicos da CUT e do nosso querido Brasil,

Grana, primeiro eu queria saber se esse emprego de presidente de honra tem salário, porque eu acho que eu preciso começar a pensar.

Eu quero cumprimentar o nosso companheiro Marinho, ministro da Previdência,

O Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento,

O Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência,

A deputada Janete Pietá,

O nosso Elói Pietá,

O deputado companheiro Vicentinho, ex-presidente da CUT,

Quero cumprimentar o companheiro Marcelo Malentacchi, secretário-geral da Fitim,

O Artur, nosso querido companheiro presidente da CUT,

O Eleno, presidente da CNTM,

A companheira Lucilene Binsfeld, presidente da Contracs,

O Egberto Della Bella Navarro – ninguém sabe o Della Bella Navarro, isso eu acrescentei para dar um charme – ex-presidente da CNM,

O companheiro Fernando Augusto Moreira Lopes, presidente da CNM da CUT,

Os companheiros do PCdoB, companheiro João Felício, companheiro Juruna, companheiro Feijóo, falando apenas dos dirigentes sindicais,

Meu caro Lira. O Lira, além de metalúrgico, me enchia o saco porque morava na frente da minha casa,

Meus companheiros e companheiras,

Eu confesso, Marinho, que nunca tive dificuldade de falar para

metalúrgicos. E é engraçado porque hoje eu estou tendo mais dificuldade.

Paulo Frateschi, presidente do PT de São Paulo,

Marco Aurélio, meu assessor especial que falou com vocês hoje aqui, e agora está dormindo aqui na frente e não está me ouvindo falar.

Eu fico sempre pensando o que falar porque era mais fácil falar quando eu ia fazer agitação na porta de fábrica. Lá era só falar “companheiros e companheiras” e xingar meia dúzia, que eu estava com o problema resolvido. Isso, no meu tempo. Já no tempo de vocês não basta xingar, é preciso ter mais competência, mais preparo, saber fazer as propostas nas coisas certas, porque em cada momento histórico a gente tem que agir em função da compreensão da sociedade naquele momento histórico. Tanto é que nós não ganhamos as eleições para a Presidência na primeira eleição porque nós descobrimos que não bastava dizer que era metalúrgico para metalúrgico votar em metalúrgico, não. Sair da vida sindical para a política, é um processo de evolução e de compreensão da categoria, e de outras categorias, que a gente vai evoluindo. Até que, depois de 12 anos, nós conseguimos esse intento. E só conseguimos porque conseguimos extrapolar da categoria dos metalúrgicos para outras categorias, senão, somente os metalúrgicos não iriam conseguir me eleger.

A segunda coisa sobre a qual eu queria fazer uma reflexão com vocês é sobre o momento político que nós estamos vivendo. Hoje, certamente, os metalúrgicos estão mais radicais porque eu, se fosse presidente, jamais faria um encontro no Dia dos Namorados, eu marcaria ou um dia depois ou um dia antes, nunca no dia. O Grana é muito esperto, trouxe a mulher dele. Quem veio de fora não pôde trazer. Então, por favor, telefonem para as suas mulheres, para as suas namoradas, porque elas merecem esse tratamento carinhoso. Certamente, daqui a uma hora eu irei me encontrar com a minha, com quem tive a felicidade de completar 33 anos de casado no mês passado. Não é mole para ela, para mim é mais mole.

Eu queria, sem me alongar, dizer para vocês o seguinte: eu penso que devo aos trabalhadores brasileiros o que eu fui, o que eu sou e o que eu vou ser. Quando um homem adquire convicção do que quer ser, dos objetivos que tem pela frente e dos compromissos que ele assumiu durante toda a sua vida, a chance de errar é muito pouca. Você pode não fazer tudo o que quer no curto

espaço de tempo que quer mas, certamente, você planta as coisas e elas nascem.

Todos vocês acompanharam o nosso primeiro mandato, e eu digo sempre o seguinte: quando nós ganhamos as eleições... possivelmente, durante a campanha eleitoral, a gente não se dava conta da enfermidade que este País tinha. A gente sabia alguns números, na campanha a gente debatia, denunciava, mas a gente não tinha noção, Feijóo, da gravidade da enfermidade. É como o cidadão que vai fazer um *check up*, chega lá, pensa que vai sair em meia hora e o cara descobre um câncer, descobre uma pneumonia, descobre uma coisa qualquer. Então, a gente não tinha dimensão.

Depois que você toma posse, você precisa começar a refletir porque já não basta mais o discurso, é preciso uma quantidade de ações, e eu sempre dou como exemplo a vida real da gente. Eu poderia pegar a experiência de vocês enquanto namorados e enquanto casados. Enquanto namorados, todo mundo é blefador, conta uma série de “paia” e fala para a namorada mil coisas mas, quando se casam, ela começa a perceber que não era bem assim, e também vale para a mulher. O homem também tem os seus encantos e desencantos, vale para os dois.

Então, a vida política é um pouco do nosso cotidiano. E aí, como consertar o País? Um dia, depois, quando eu estiver quase perto da “extrema unção”, antes eu não vou escrever livro, nós vamos contar para este País o que foi o nosso sacrifício no primeiro ano. Decisões que nós tínhamos que tomar em momentos cruciais, e que a gente não tinha para quem perguntar. Era pegar ou largar e apostar que ia dar certo. Se vocês imaginarem o arrocho que nós fizemos em 2003, numa plenária de metalúrgicos mesmo sendo o presidente de honra, certamente eu perderia de lavada. Mas era preciso fazer aquilo para que a gente pudesse criar condições para respirar nos anos seguintes. Nós sentimos que era possível respirar, já a partir de 2004, mas ainda um pouco assustados. Em 2005 nós tivemos que fazer outra vez um aperto, para que em 2006 a gente pudesse chegar, na hora da disputa, em condições de disputar a campanha com uma mistura de pragmatismo administrativo, de políticas sociais, com um certo conteúdo ideológico do modelo do Estado que nós queríamos para este País.

Eu fico imaginando, Grana, quantas vezes você, que ainda muito menino ia me pedir para ir à Brosol fazer campanha, evitar muitas vezes os **(falha na gravação)** cometido, até pelo pouco tempo, essa Fátima que não parava de entrar em greve, e essas coisas. Entrava em greve e depois ia lá: “companheiro Lula, vamos à porta da Brosol, dispensaram não sei quantos, vamos lá fazer um discurso”. Teve um tempo em que eu me sentia um levanta moral da turma. Quando estava tudo bem ninguém me chamava, mas quando piorava, aí toca o Lula a chegar na porta de fábrica. Não me arrependo porque foi dessa coisa que eu aprendi grande parte do que eu posso executar hoje como presidente da República.

Nós terminamos o mandato, eu diria, com a possibilidade de fazer uma disputa que me permitiu ser presidente da República por mais quatro anos. Acho, Grana, que eu fui um dos poucos, junto com outros companheiros, que acreditava o tempo inteiro. Mesmo nos momentos de crise mais profunda, mesmo nos momentos em que as pesquisas mostravam a gente numa situação delicada, eu tinha a mais pura convicção de que as sementes que nós tínhamos plantado, algum dia iriam brotar e que as pessoas iriam perceber, porque não era possível que a quantidade de coisas que foram criadas neste País não aparecesse no processo eleitoral. E eu tinha mais convicção ainda, embora em muitos momentos não tivesse sido divulgadas corretamente as coisas boas que a gente fazia, às vezes até tripudiadas, eu sabia que era quase que irreversível, porque se o benefício estava chegando à pessoa não adiantava ninguém mentir, porque a própria pessoa que era beneficiária estava recebendo.

Companheiros, nós saímos de 2 bilhões de reais de financiamento da agricultura e fomos para 10 bilhões. Esses 10 bilhões têm que estar em algum lugar, no bolso desse povo trabalhador rural. Nós saímos, de financiamento do Banco do Nordeste (BNB), de 252 milhões para 5 bilhões, esse dinheiro vai ter que aparecer em algum momento. Nós saímos, de nada de crédito para 40 bilhões de crédito consignado. Eu falava: isso vai aparecer em algum momento, não tem jeito, isso vai desabrochar. E desabrochou no momento em que a sociedade percebeu que não existia apenas uma campanha eleitoral entre dois candidatos, mas existia duas propostas para o País, dois projetos

distintos, o povo resolveu se posicionar. Por isso eu agradeço, companheiro Grana, o segundo turno, porque o segundo turno foi aquela coisa que Deus falou: “Não, baixinho, vai ter segundo turno para você melhorar, vai ter o segundo turno para você se afirmar. Você estava achando que estava tudo resolvido, não é, baixinho? Então vai pisar no espinho, um pouco, para você saber o quanto é bom”. Hoje, Feijóo, eu sou agradecido pelo segundo turno.

E aí eu ficava pensando: será que o povo está percebendo as coisas que nós estamos fazendo? Eu tinha colocado no governo, se não todos, parte das melhores pessoas que participavam do movimento social neste País, pessoas que a vida inteira trabalharam para tentar fazer as coisas. Isso tinha que dar certo, isso tinha que dar resultado. Eu me lembro de algumas coisas de que hoje eu tenho orgulho. Quando nós criamos o Bolsa Família, as pessoas falaram: “Isso é política assistencialista”. Quem, aqui, é do interior do País, e quem já ficou desempregado por um ano, sabe que 80 reais para o Grana, no dia do pagamento, não significam nada; ele toma cerveja com a Fátima e ainda dá um troco, de gorjeta, para o garçom. Mas 80 reais na mão de uma mãe, no interior deste País, ela consegue fazer o que a gente muitas vezes não faria com 200 ou 300 reais.

O programa Luz para Todos, gente, eu fico pensando, Grana, são 470 mil quilômetros de fios que nós já colocamos neste País, daria para enrolar a Terra, Fátima, mais de 14 vezes, **(falha na gravação)** evitar o efeito estufa nela, é só enrolar de fio. Foram 2 milhões e 800 mil postes, foram 380 mil transformadores. Só por conta disso já foram vendidos, com o programa Luz para Todos, 470 mil televisores e 360 mil geladeiras. Isso significa emprego para metalúrgicos. O que é mais importante é que o contrato normalmente é feito, na maioria dos estados, para as pessoas produzirem. Eu dizia: mais isso tem que dar efeito, gente, isso vai ter que aparecer. Apareceu e nós ganhamos as eleições.

O que fazer agora? O segundo mandato parece mais fácil, mas ele é mais difícil, porque eu já não posso ficar comparando as coisas com o governo passado. Agora, o governo passado é o meu primeiro mandato. Então você percebe, Feijóo, que quando você tem que cobrar de você mesmo é mais difícil. Sabe quando que você se levanta para andar de manhã, está com preguiça e fala: “hoje eu não vou andar”, e fica deitado? A minha agonia toda é

não permitir que a mesmice tome conta do governo, a minha agonia toda é poder provar ao povo brasileiro que a gente pode fazer mais e pode fazer melhor do que nós já fizemos, aprimorar as coisas que aconteceram e fazer muito mais.

Teve uma coisa que nós íamos lançar em dezembro do ano passado e decidimos deixar para lançar neste ano, para já aparecer como uma coisa do segundo mandato, que foi o PAC. Eu não sei, já veio gente do governo debater com vocês o PAC, não é? O PAC é, na minha opinião, a coisa mais organizada já anunciada neste País. Eu posso garantir que em poucos momentos da história deste País um governo apresentou um programa de investimento de 252 bilhões de dólares, 504 bilhões de reais, para ser utilizado em quatro anos, envolvendo desde a infra-estrutura ferroviária, rodoviária, portos e aeroportos, até 146 bilhões de reais – 106 bilhões para habitação e 40 bilhões para saneamento básico. Posso dizer para vocês que isso nunca aconteceu.

Por que eu acho que é uma novidade? É porque nós temos um conselho gestor desse PAC, que toda semana se reúne. É uma companheira aqui de São Paulo que, junto com a Dilma, cuida disso. Quem é de Santo André conhece, a Miriam Belchior. É cobrando a cada dia, a cada hora, de cada ministro: o que está acontecendo, por que não saiu o projeto? Por quê? Agora, a partir da semana que vem, eu já devo vir a São Paulo, devo ir ao Rio de Janeiro e devo ir a Minas Gerais, junto com o governador e com os prefeitos, Elói, apresentar o dinheiro para os projetos de saneamento básico e habitação nessas cidades. Nós decidimos fazer na região metropolitana porque é onde estão os problemas mais graves do País e tem dinheiro e projeto para cada região metropolitana deste País.

Eu começo por São Paulo, Minas, Rio, depois eu vou à Bahia, Ceará e Pernambuco, depois eu vou ao Amazonas, Pará e outros estados, Rio Grande do Sul e Paraná, porque nós queremos consagrar isso em 2010. Só de gasoduto da Petrobrás são 4.700 quilômetros. Só a Petrobras investe nesse PAC 228 bilhões de reais, daí o porquê da recuperação da indústria naval brasileira, que estava sucateada, daí o porquê do crescimento do pólo metal-mecânico, daí o porquê do crescimento do pólo siderúrgico, porque o pólo siderúrgico, no Brasil, vendia só para fora, porque a indústria não crescia. Agora, só a Nippon Steel, que é dona da Usiminas e da Cosipa, foi anunciar

investimento de 8 bilhões e 300 milhões de dólares, em quatro anos. Por quê? Porque na medida em que a economia começa a crescer, a construção civil será o primeiro segmento a começar a crescer daqui para a frente, porque nós fizemos todas as mudanças necessárias para facilitar a venda de casas para o povo trabalhador. Eu ainda quero discutir com os trabalhadores, cooperativas, nos sindicatos habitacionais, que uma vez eu me recusei. Uma vez, quando o Delfim era ministro da Fazenda, em 1979, ele me procurou dizendo: o presidente Figueiredo quer dar ao sindicato a questão habitacional, através de cooperativa. Eu, como um bom radical de São Bernardo, dizia: eu não sou agente imobiliário, eu sou dirigente sindical, eu não quero.

Como as coisas mais difíceis nós já vencemos, nós agora poderemos fazer coisas mais fáceis, que é organizar essas cooperativas habitacionais. Um belo dia eu vou chamar os dirigentes sindicais para discutir porque, também, nem a Caixa tem experiência e nem nós temos muita experiência em cooperativa, poucos sindicatos têm.

Pois bem, depois do PAC nós lançamos uma outra coisa importante, chamada PDE, Plano de Desenvolvimento da Educação, que vai ser uma revolução na educação deste País. Vocês vão perceber uma coisa, a primeira escola técnica, no Brasil, foi feita em 1909. De 1909 a 2003, foram construídas 140 escolas técnicas no Brasil, meu caro professor João Felício. De 1909 a 2003, foram construídas 140 escolas técnicas neste País. Nós, em oito anos, vamos construir 160 escolas. Tudo o que foi construído em 100 anos, a gente vai construir em oito anos.

E não é apenas isso. Vocês estão lembrados do “apagão” em 2001. O “apagão” foi um pouco por falta de investimento, mas foi um pouco por falta de compreensão do que é o Brasil, porque tinha um sistema que não era interligado. Em 2001, nós tínhamos excesso de água no Rio Grande do Sul e falta de água em São Paulo. Portanto, lá tinha capacidade de produzir mais energia, mas não tinha uma coisa elementar, que era a linha de transmissão, para trazer a energia excedente do Rio Grande do Sul para São Paulo ou levar de São Paulo.

Meu caro Paulo Frateschi, em cinco anos nós fizemos, até agora, 25% de tudo o que foi feito em 123 anos em nível de linha de transmissão, e vamos terminar interligando a Amazônia. Portanto, quando chover no Nordeste e tiver

excesso de água, e estiver faltando água em São Paulo, você traz a energia para cá. Quando tiver falta de energia lá e tiver excesso de água aqui, a gente leva energia para lá, porque descobrimos apenas o razoável. Se você tem a hidrelétrica produzindo, você precisa ter o cabinho para poder levar a energia para os lugares. Isso, combinado com o maior programa universitário já feito neste País.

Escutem o que eu disse, eu vou repetir. Vou terminar o meu mandato, em 2010, com uma extensão universitária em cada cidade-pólo e uma escola técnica em cada pólo. Este País precisa suprir a deficiência educacional, de quase 200 anos, de não investir corretamente na educação. Eu digo sempre aos meus ministros: quando se tratar de educação, não fiquem discutindo dinheiro, o que nós temos que discutir não é quanto custa gastar um dinheiro na escola agora, é quanto custou a gente não ter investido há 30 anos, é quanto custou o atraso a que nós fomos submetidos neste País. Na minha cabeça, companheiros, tem uma coisa muito clara, o dinheiro que eu não investir em educação agora, certamente o governo que vier, daqui a 30 anos, vai investir em cadeia. Então, nós temos que ter claro que a nossa geração está assumindo a responsabilidade de entregar um Estado com um projeto em que leva em conta a existência de 190 milhões de homens e mulheres que aqui precisam viver, trabalhar e ganhar a sua vida. Isso exige de nós sacrifício, mas o sacrifício é menor quando ele vem carregado do compromisso histórico que nós carregamos nas nossas veias.

Hoje, meus companheiros, eu fico imaginando a angústia de vocês. Eu sei, Grana, que é difícil, eu sei, Feijóo, que é difícil. Em tempo de vaca magra é difícil fazer sindicalismo, porque em crise a greve fica mais difícil, em crise os acordos ficam mais complicados. Quando eu pego os dados do Dieese, que dizem que 86% dos acordos salariais feitos no Brasil em 2006 foram acima da inflação, eu fico pensando: por que eu não fui dirigente sindical nesse tempo? No nosso tempo a gente brigava, brigava para não perder. Quando eu vejo que a gente está recuperando a massa salarial, quando eu vejo que a gente está recuperando o salário médio, quando eu vejo que o poder do salário mínimo está podendo comprar o dobro do que comprava quando eu entrei, eu fico feliz Feijóo, mas não estou satisfeito porque eu, como vocês, quero mais e sei que o

povo precisa de mais, e nós precisamos criar as condições para que ele tenha cada vez mais.

Eu conheço bem o que é o valor de um emprego porque eu fui dirigente sindical em dois momentos extraordinários, um momento em que a gente só precisava falar que era contestador, e um momento em que a gente ia para a porta da fábrica, como diz o Marinho, só ver diminuir o número de trabalhadores. Quem se lembra aqui, estou vendo companheiros que eram muito jovens, eu já era um senhor respeitável na porta de fábrica, a gente saía, lá, eram 5 mil na Mercedes, 8 mil na Volks, 3 mil na Brastemp, a gente ia chorar, o Vicentinho fazia greve de fome e não resolvia nada. Era um desespero.

Eu me lembro que nós fizemos uma greve, Vicentinho, na matriz, a Villares mandou um grupo de trabalhadores embora, então nós fizemos uma greve em defesa dos que tinham sido mandados embora. Depois de 10 dias de greve eu descubro o quê? Eu descubro que só estavam participando da greve os que estavam trabalhando, os que foram mandados embora estavam querendo receber a sua indenização. Eu falei: vamos parar com essa greve, gente, nós somos grevistas, mas não somos tontos.

Então, eu acho que foi entre erros e acertos que todos nós cometemos, e eu tenho orgulho de ser uma espécie de pai sindical de muitos de vocês, de ser uma espécie de pai sindical do Meneguelli, do Vicentinho, do Guiba, do Marinho, do Grana, mesmo o Artur sendo eletricitário, do Artur, mesmo do João Felício sendo bem mais velho do que eu, pelo que parece. Então, eu sinto orgulho porque eu construí no movimento sindical, uma família, eu sinto que construí uma família. Não tem um único lugar deste País em que eu não tenha cultivado amizade, respeito, carinho, porque essas coisas só são importantes quando isso é recíproco, você dá e você recebe. Se você só quer receber, você é um egoísta.

Tudo isso acontecendo em paralelo a uma política vigorosa, que é a nossa política externa. A política externa nossa foi uma decisão de governo. Nós temos que saber que a gente só vai ser grande no mundo se a gente estiver grande internamente, se a gente se juntar aos nossos parceiros da América do Sul e da América Latina, se a gente começar a visitar, para

recuperar os compromissos históricos e culturais deste País com o continente africano, para que a gente possa ganhar força para negociar com os ricos.

Como é que funcionavam as coisas até outro dia? Até outro dia, os países ricos se reuniam e não tinha esse negócio de conversar com país pobre não, não tinha esse negócio de respeitar país pobre. A gente não era chamado para nada não. O que nós fizemos? Isso eu aprendi no sindicato. Nós criamos o G-20, e o G-20 não é pouca coisa não, tem os nossos companheiros chineses, com um pouquinho de gente, tem os nossos companheiros da Índia, com um pouquinho de gente também. Esses dois pouquinhos significam 2 bilhões e 300 milhões de habitantes. Aí entra mais o Brasil, mais a África do Sul, mais o México, mais a Argentina, mais a Nigéria, mais a Argélia, e fazemos um Bloco. Eles podem ter mais dinheiro, mas não têm mais força política do que nós.

Isso eu aprendi na porta de fábrica, respeito é bom, eu gosto de dar e gosto de receber. Gosto de tratar os outros bem para ser bem tratado. Hoje eu posso dizer para vocês, não há, nenhum momento na história do Brasil em que o Brasil teve a influência na política externa como tem hoje, sem nenhuma arrogância, sem nenhuma petulância, mas com muita humildade. Nós temos conversado com todos, sem distinção, e temos conseguido construir as bases que estão me permitindo, quem sabe, ainda sonhar em ver o acordo da Rodada de Doha, para favorecer os países mais pobres do mundo.

Essas coisas são difíceis, porque cada presidente da República pensa no seu país e na sua eleição. Então, é preciso ter um conjunto de pessoas que pensem além das suas fronteiras, afinal de contas, política de solidariedade não é uma coisa pequena, e nós estamos construindo. Posso dizer para vocês que nós vivemos um momento excepcional, como vivemos, meu companheiro Grana, e vocês poderão discutir aqui... Pode escrever o que eu estou dizendo, Grana, vivemos o melhor momento econômico da história deste País. Não há momento histórico, Feijóo, em que há essa combinação de fatores. Alguém pode dizer: "No governo Juscelino a economia crescia 7%". Maravilha, mas a inflação era de 23%. No governo, em 70, a economia chegou a crescer 14%, foi o melhor momento de emprego que eu vivi na minha vida, na década de 70, entretanto, o salário mínimo decresceu.

Nós estamos criando uma coisa, e estamos criando por causa da confiança que vocês depositaram, e nos momentos difíceis vocês nos ajudaram. Eu não esqueço nunca quando os aposentados da CUT e da Força Sindical foram a Brasília defender um acordo, porque tinha demagogo querendo o triplo, e os trabalhadores foram dizer: “não, tem um acordo e nós queremos cumprir.” Esse gesto passa seriedade, e seriedade conquista espaço em qualquer lugar do mundo.

Então, agora, estamos no momento de consolidar o que nós plantamos, estamos no momento de plantar. Nós, agora, vamos pensar na questão da saúde. Já pensamos na questão da educação e na questão do desenvolvimento, que estamos começando. Agora, vamos pensar na questão da saúde. Não só melhorar a saúde, dentro dos próximos 30 dias nós vamos anunciar um programa de saúde, que certamente não vai se chamar PAC, é outra coisa, mas é um programa de saúde.

Vamos continuar, eu quero chamar a atenção dos sindicalistas aqui presentes: vocês nunca vão me ouvir pedir para vocês não me criticarem, nunca. Eu jamais abrirei a boca para pedir para o dirigente sindical que não me critique. O que eu posso pedir para vocês é o seguinte: vocês não têm que ter vergonha. Se a gente fez alguma coisa boa, não deve ficar acanhado de dizer “não, eu não vou defender porque eu sou autônomo”. Não, é defendendo nos momentos bons que você pode criticar os erros, você pode criticar os equívocos, porque, senão, a política vira uma moeda de uma cara só, e ela precisa ter duas caras.

Aquele companheiro ali, o Luiz Soares Dulci, um mineirinho, quietinho, aquele de bigode ali, que parece o Santos Dumont, esse companheiro eu duvido que, na história do País, juntando todos os ministros do Trabalho da história deste País, juntando os ministros da Previdência deste País, juntando todos, eu duvido que em 118 anos de República tenha havido um companheiro que se reuniu com tantos movimentos como este companheiro se reuniu. É com Movimento Sem Terra, é com a Contag, é com a CUT – e um falando mal do outro – é com a CUT, é com a Força Sindical, é com a UGT, com a CGT, com o “não sei o que T” é com Fetraf, que fala da Contag; e com a Contag, que fala da Fetraf; é com as ONG’s, é com as mulheres, é com os negros, é com os homens, ou seja, eu nunca vi. Ele passa o dia se reunindo com as pessoas e é

por isso que nós conquistamos esse equilíbrio, um equilíbrio de respeitabilidade entre nós, um equilíbrio em que as pessoas podem até saber que a gente não está fazendo tudo, mas sabem que a gente está tentando fazer.

Os companheiros aqui, do PC do B, sabem que têm no companheiro Petta um extraordinário presidente da UNE. Podem dizer da ajuda que ele nos deu na questão do ProUni, a ajuda que ele nos deu na questão da reforma universitária. Tem sido parceiro porque é uma relação de confiança, não há uma relação oportunista, em que eu vou utilizar agora o fulano porque depois eu vou descartá-lo, não. É relação para a gente chorar e sorrir juntos, para a gente comemorar juntos e sofrer juntos, porque é isso que vai dar a beleza da gente construir um outro padrão de relacionamento entre o governo e os movimentos, e entre o Estado e a sociedade.

Aqui vocês têm muitos dirigentes sindicais estrangeiros. A maioria dos que nós consideramos países ricos, dos que nós consideramos mundo desenvolvido, a maioria dos presidentes nunca recebeu um dirigente sindical, nunca. Vejam, nos Estados Unidos, depois de eleito, qual foi o presidente que recebeu os dirigentes sindicais? Podem escolher qualquer país. Não é hábito.

Aqui no Brasil nós estamos criando uma novidade. Qual é a novidade? É que nós somos companheiros. A coisa que me dá mais orgulho – não pensem que eu sou chegado à frescura da liturgia, não – a coisa de que eu tenho mais orgulho é quando um catador de papel, dentro do Palácio do Planalto, me chama de companheiro Lula. É a coisa que me dá mais orgulho porque demonstra que a liturgia do cargo não permitiu a criação de distância entre as almas, entre as mentes e entre os corações. Essa é uma coisa que nós conseguimos fazer. Qualquer um que for a Brasília e for lá, vai entrar e não vai ter liturgia porque nós aprendemos que tem que ser assim ou nós passamos pelo governo e, quando sairmos, vamos olhar apenas alguns números, mas na relação não ficou muita coisa.

Vocês viram os momentos angustiantes que nós vivemos com o companheiro Evo Morales, da Bolívia, com o negócio do gás. Todo mundo queria que eu batesse e o Alckmin, na campanha, falava: “o Lula tem que ser duro, o Lula precisa ser duro.” Primeiro, gente, eu vou contar uma coisa para vocês, uma das coisas mais extraordinárias foi a eleição do Evo Morales, um

índio ser eleito presidente da Bolívia, que tem maioria índia. E eu apanhei muito por causa disso, entretanto, vocês nunca me viram fazer uma crítica ao Evo Morales porque eu conheço a situação de pobreza da Bolívia, conheço o sofrimento daquele povo e, se eu puder ajudar, eu vou ajudar, mas não vou atrapalhar. Eu quero é construir, porque durante muitos anos o Brasil foi visto como imperialista e nós só vamos mudar isso se mudarmos procedimentos, se a gente tiver generosidade e companheirismo.

As pessoas falam do Chávez. Nós temos uma extraordinária parceria com a Venezuela. Certamente, o Chávez não precisaria ter falado do Senado, porque quando ele tomou o golpe, o Senado foi contra o golpe. Mas, às vezes, as pessoas esquecem. Falou, e quando a gente fala, a gente paga. Paciência. Mas eu não deixo de reconhecer a relação que nós construímos nessa América do Sul. Ainda tem muita coisa para fazer.

O que eu queria, meus companheiros e companheiras, era pedir para vocês terem compreensão de que algumas coisas precisam ser feitas, algumas reformas têm que ser feitas, disse bem aqui, a questão da reforma sindical. Vocês hoje são mais favoráveis à reforma sindical do que o empresariado. O empresariado não quer reforma sindical porque a estrutura sindical, tal como está, favorece a estrutura sindical, sobretudo o lado empresarial. Então, eles não querem e não vão querer. Ou vocês se mobilizam para aprovar lá dentro do Congresso Nacional ou ela não sai. As divergências que tem entre nós, nós vamos tirando no debate. A questão da reforma universitária, é preciso fazê-la.

Esses dias, companheiros, eu fiz uma entrevista e falei da greve. Me perguntaram: “não é contradição você ser sindicalista e ser contra a greve?” Eu falei: eu não sou contra a greve, eu sou favorável à regulamentação da greve, porque eu fiz greve e quando eu decretava greve, eu sabia que tinha que pagar um preço. Agora, nego quer fazer greve por 90 dias e receber os 90 dias, isso não é greve, isso são férias, bonificação, qualquer coisa. O que eu quero apenas é regulamentar. Tem o direito de greve, mas tem a responsabilidade porque, senão, fica muito fácil. E ela tem que vir acompanhada do direito do contrato coletivo do servidor público brasileiro, que precisa ser tratado de forma digna e respeitosa.

Agora, também é preciso levar em conta que os dirigentes sindicais têm que evoluir para a compreensão do contrato coletivo de trabalho. Não é todo

sindicalista que compreende ainda. E eu lembro que nós fizemos o debate ainda no Instituto Cidadania, nós fizemos um projeto no Instituto, muito antes de eu ser presidente, para a gente começar a colocar em prática nas prefeituras que a gente ganhava, e não conseguimos colocar em nenhuma, porque contrato coletivo de trabalho, os dirigentes sindicais que fazem sabem que exige mais responsabilidade, você tem que colocar o teu papel ali, que vale por dois, três, anos, quatro anos. Então, exige que você se prepare mais, que você se organize mais, para você poder consolidar as suas propostas por alguns anos.

Eu lembro, Marinho, que uma vez teve uma dispensa na Volkswagen, e você foi para a Alemanha. E eu lembro, porque as pessoas não te contavam, mas me contavam: “o Marinho foi lá vender a gente, porque o Marinho vai voltar e a gente não vai aceitar. Quando vier aqui trazer a proposta vamos quebrar, vamos estourar.” E alguns companheiros do sindicato falavam para mim: “Lula, estamos com medo do Marinho na porta da Volkswagen.” Peão é tão inteligente que o Marinho começou a ser carregado no colo na hora em que chegou no pátio. E quando colocou em votação teve unanimidade. Porque, de vez em quando, tem alguns companheiros que pensam que o peão é burro, que o peão não pensa, que o trabalhador não tem imaginação, e acha que ele pode decidir porque formulou um conceito, porque formulou uma idéia, ele acha que pode decidir, ele não quer nem que se pergunte para as pessoas.

Então, eu acho, eu aprendi na minha vida, que burro é quem pensa que trabalhador não entende as coisas. “Ah, aquele cara lá, aquele é um ajudante de fábrica.” Eu lembro de um, na Mannesman, eu lembro, da Mangels. Isso, Feijóo, eu estou falando de 1978. Eu lembro que tinha um companheiro de esquerda, aguerrido, grande companheiro, o nome dele era Olavo, um japonês porreta, bom companheiro da convergência, e ele era engenheiro. Mas ele, dentro da fábrica, como achava que proletariado não tinha que ter curso de engenharia, ele então trabalhava de ajudante, catando pedaço de ferro no chão e ele achava que isso era um gesto revolucionário. Quando é um sábado, de manhã, eu recebo 12 trabalhadores da Mangels que falam assim para mim: “Oh, Taturana – naquele tempo tinha alguns que me chamavam de Taturana – nós precisamos conversar com você, tem um problema na Mangels sério.” Eu falei: o que foi, companheiros? “Lula, tem um cara lá que a gente acha que é

da polícia, porque ele é um japonês, fala bonito, tem umas palavras que a gente não entende, então, ele não é peão como nós, ele é um infiltrado dentro da fábrica.” Não deu outra, por coisa de Deus, esse Olavo ia passando em frente da minha sala na Presidência. Eu chamei o Olavo e falei: Olavo, você pensa que é revolucionário? Você pensa que está com a bola toda? Você sabe o que essa peãozada pensa de você? Pensa que você é da Polícia Federal, pensa que você está infiltrado, que é do DOPS. Rapaz, não é muito melhor você assumir o cargo de engenheiro na fábrica e tratar de conquistar um aumentozinho para essa peãozada, não é muito melhor?

Eu estou dizendo isso, Marinho, porque vocês evoluíram muito. Eu, quando vejo hoje, na porta de fábrica... a gente se matava para chegar, Marco Aurélio, a gente para entregar um jornalzinho, colocava dentro da barriga. Quem está lembrado aqui? Aqui tem companheiro que fazia, colocava dentro da barriga, às vezes colocava por dentro da meia, não é isso? Para entrar com o jornalzinho. Hoje você chega na fábrica e está o jornalzinho correndo na linha de montagem, cada peão pegando o seu e, se vacilar, o chefe ainda vai entregar para o peão ler. Sabe o que isso significa? Significa conquista, que para quem está hoje parece que não tem valor, mas para os mais velhos foi uma conquista extraordinária. É por isso que a democracia, para mim, tem um valor incomensurável, porque na hora em que a gente conquista direitos... eu me lembro que a gente não conseguia entrar, Miguel Jorge, você que foi da Autolatina, hoje, em Betim, a empresa ainda não deixa os trabalhadores encostar o carro. Lá em São Bernardo a gente quebrava cadeado colocado pelo coronel Rudi. Quem está lembrado quantos cadeados a gente quebrou na Mercedes Benz? Quantos a gente quebrou na Ford, na Volkswagen? Na Volkswagen eles se davam ao luxo de colocar uma corrente dessa grossura com cadeado. A gente virava um caminhãozinho de marcha à ré, metia o caminhão em cima e quebrava, e fazia assembléia lá. E foi assim que nós conquistamos para que vocês hoje tenham uma vida mais tranqüila, que não precisem de 10 assembléias para fazer uma greve, é só reunir a comissão de fábrica e decidir fazer a greve. Isso significa conquista.

Meu caro Marcelo, eu quero te dizer uma coisa: olhe, eu acho que nós ainda não conquistamos tudo que merecemos, mas eu acho que essa peãozada metalúrgica do Brasil, essa peãozada conquistou muita coisa aqui.

E, sobretudo, vocês conquistaram uma coisa que a gente não mede em moeda, vocês conquistaram uma coisa que a gente não mede em poder de compra, vocês conquistaram uma coisa que a gente não consegue nem ver a cor: vocês conquistaram uma coisa chamada dignidade, respeito, decência. E essa é uma conquista extraordinária da sociedade. Vocês conquistaram liberdade. A palavra liberdade, não se tem como mensurá-la, do ponto de vista da quantidade de valor, ela é uma coisa que é um pouco da alma da gente, é um pouco dos passos da gente.

Por isso, companheiro Grana, eu quero ter dar os parabéns. Eu não tenho dúvida nenhuma de que daqui sairão decisões importantes, eu espero que saiam orientações para que o governo possa transformar em projetos de lei. E quero dizer para vocês, companheiros, aproveitem, porque embora eu seja presidente de todos, vocês sabem que eu tenho um lado e não esqueço o lado que eu sou e o lado em que eu estou, e não esqueço para onde vou voltar, quando deixar de ser presidente da República, certamente é para ouvir os gritos do Feijão na porta das empresas.

Muito obrigado, gente, parabéns e que Deus abençoe todos nós.